



Gustavo e Rebeca: aprender com felicidade, sem obrigações

O ensino da solidariedade ⁶⁰

Rebeca Scatrut, da "TV Globo-Brasília", e Ricardo Noblat, analista político do "Jornal do Brasil", ao contrário de Riella, optaram por uma escola "renovada".

Rebeca prefere, ao invés do adjetivo "renovadora" a qualificação "alternativa". E dá sua justificativa: "Minha opção pela escola alternativa tem como base o meu questionamento do poder. Sempre tive, e tenho, dificuldades em compreender o poder como uma linha vertical onde em cima se situa o comando e, em baixo, os que "precisam" ser comandados".

— Na minha vida escolar, prossegue, foi esta a relação que conheci: em cima, a direção, os professores, os que mandavam. Em baixo, as crianças, os adolescentes, os que precisavam aprender, obedecer, respeitar. Nunca questionar, duvidar, colocar em risco as normas estabelecidas.

Por isto, Rebeca e Noblat matricularam os filhos André, de 10 anos; Gustavo, de oito; e Sofia, de cinco, no Instituto Natural de Desenvolvimento Infantil (Indi).

— Nossa opção foi por um tipo de escola onde, ao lado do aprendizado exigido pelo currículo escolar, nossos filhos tivessem oportunidade de rever o poder vertical. Onde tivessem a oportunidade de transformar esse poder numa relação de respeito e justiça.

Rebeca confessa que esta opção não deixou de trazer problemas.

— Ricardo e eu tivemos momentos de angústia, de dúvidas. Será que nossa escola estava certa? Isto apareceu principalmente com o André, que, nesta fase de pré-adolescência, só quer estudar determinados assuntos. O que foge do universo do interesse dele, recusa categoricamente. Frente a tal quadro, Rebeca e No-

blat pensaram em transferir André para uma escola tradicional.

— Cheguei, conta Rebeca, a procurar outras escolas. Minhas perguntas recebiam respostas desanimadoras e concluí que não valia a pena. Meu filho poderia até vir a estudar os temas que não lhe interessavam, mas faria isto por obrigação. Conversei com a diretora do Indi, Júlia Passarinho, e concluímos que seria uma violência com o André, que adora a escola. Nós é que estamos errados em não compreender a felicidade dele e seus interesses.

Rebeca cita exemplo concreto dos interesses do filho: "No dia 15 de novembro, ele ficou acordado com o pai, vendo os boletins da Tv, até alta madrugada. No começo, me inquietei. Afinal, tinha aula no dia seguinte, de manhãzinha. Precisava ir dormir. Depois refleti: se prefere ver a apuração das eleições a estudar verbos de promomes, isto faz parte da educação dele. A participação política e a consciência da cidadania também são formas de aprendizado. Estas eleições estão sendo uma grande aula de História para crianças e adolescentes.

Rebeca sabe que a escola alternativa exige muito dos pais.

— O respeito pela criança, a grande bandeira da escola alternativa, exige um forte compromisso metodológico que envolve o pai, o educador e a própria criança. Nessa relação, ela deixa de ser um mero espectador, que assiste e assimila tudo o que foi determinado. Nessa relação, criança ganha a responsabilidade de participar da construção de seu conhecimento.

Ao manter os filhos numa escola alternativa, Rebeca acredita estar participando de um processo capaz de ajudar na criação de uma sociedade nova. "Uma sociedade", explica, "onde todos juntos possam batalhar por uma relação de respeito, solidariedade, divisão de oportunidades. Uma sociedade sem privilégios para as elites. Onde o espaço seja o mesmo para cientistas, políticos, intelectuais e metalúrgicos. Sem preconceito".